

Conjunções lexicais e gramaticais: o caso de *por causa de*

Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva e Maria Luiza Braga

Recebido 15, jun. 2006/Aprovado 20, ago. 2006

Resumo

*Este artigo investiga a emergência da locução conjuntiva **por causa (de) que** no português do Brasil, baseando-se em um corpus constituído por dados coletados em 64 horas de entrevistas com falantes cariocas (Amostra 80). Inicialmente coteja as orações complexas formadas pela vinculação de uma oração efeito a uma oração de causa introduzida por **porque**, conectivo prototípico de causa, às orações que apresentam o SPrep **por causa de** com relação às seguintes variáveis: posição, transitividade e tempo do predicado verbal, tipo de informação introduzida pelo segmento de causa. A seguir, considera as orações encabeçadas por **por causa (de) que** mostrando que elas compartilham as propriedades exibidas tanto pelas orações prototípicas de causa quanto pelos SPrep **por causa de**: tendem a introduzir informação nova, a apresentar verbos de estado no presente do indicativo e a ocorrer pospostas. A diferença entre elas e as orações prototípicas concerne ao fato de que as orações com **por causa de que** são empregadas apenas no nível representacional enquanto que aquelas iniciadas por **porque** podem, também, estabelecer relações em dois outros níveis, o das relações epistêmicas e dos atos de fala.*

Palavras-chave: gramaticalização, conectores, relação causal

O português brasileiro dispõe de uma grande variedade de conectores para a expressão da relação de causalidade, que diferem quanto à sua frequência e contextos discursivos. Coexistem com o conector prototípico *porque*, assim como com a sua forma reduzida *que*, exemplificadas em (1) e (2), o conector *como* e as locuções conjuntivas como *visto que*, *dado que*, *já que*, para citar apenas as mais frequentes (Cf. NEVES, 2000).

- (1) Ela falou que não gosta de dar aula de sétima, **porque acha todo mundo, assim, muito criança.** (Amostra Censo, ADR.51)
- (2) A Cláudia chamou ela e deve fazer chantagem com ela, eu não sei. **Que agora ela sabe que o Márcio é filho da Renata.** (Amostra Censo, ADR.63)

No nível oracional, a relação causal entre dois segmentos de discurso pode ser expressa pelo Sprep *por causa de*, como no exemplo (3):

- (3) Tive que interromper um pouco (os estudos) **por causa da gravidez da minha mulher.** (Amostra Censo, Dav.42)

Esse sintagma preposicional está na origem da locução conjuntiva *por causa (de) que* a qual, através do acréscimo do subordinador *que* pode ser utilizada para relacionar uma cláusula causal a uma cláusula efeito, como mostram os exemplos (4) e (5).

- (4) Só sabia quem era o presidente do CCE, **por causa que ela botou uma porção de cadeira ali**, botou o vice-presidente, botou cortadô de... aqueles negócio. (Amostra Censo, ADR.51)
- (5) Ele gosta mais até de ficar lá no fundo porque não... parece assim mais aconchegante, né? **por causa que dá assim prá os quarto e não tem vizinho , num tem nada.** (Amostra Censo, Mag.48)

Esses usos de *por causa (de) que* no discurso oral, uma locução conjuntiva que está emergindo no português brasileiro, (cf PAIVA, 2001), constituem o objeto de reflexão deste artigo. Discutimos os empregos dessa locução conjuntiva , buscando identificar as equivalências e diferenças que apresenta em relação à conjunção prototípica *porque* e ao sintagma preposicional *por causa de* no discurso oral. Através de uma análise comparativa de algumas propriedades sintáticas e semântico-discursivas dessas três construções causais, procuramos depreender o cruzamento de propriedades que resulta em enunciados como os exemplificados em (4), (5). Além disso, destacamos as restrições ao uso

da conjunção perifrástica *por causa (de) que* e a pertinência de distingui-la da conjunção inteiramente gramaticalizada *porque*. Como mostraremos ao longo do artigo, as maiores restrições impostas ao uso de *por causa de* (que) sugerem que o processo de gramaticalização de uma locução conjuntiva opera inicialmente no nível representacional.

Os dados analisados foram extraídos de um *corpus* do português carioca, composto de amostras de fala de 64 falantes, distribuídos de forma equilibrada segundo as variáveis sexo, idade e escolaridade.

2- Construções causais com *porque*

Assim como outras conjunções fortemente gramaticalizadas, o conector *porque*, mais freqüentemente utilizado para a expressão da relação de causalidade, goza de acentuada polissemia e multifuncionalidade, servindo à expressão não apenas de causa estrita, como também de justificativa, razão, motivo. Adotando aqui a posição de Swetser (1990), podemos dizer que este conector estabelece relações em diferentes domínios: domínio referencial, domínio epistêmico e domínio dos atos de fala. (Cf. também PAIVA, 1995; NEVES, 2000):

- a- nível referencial
 - (6) E o Tião chegou por último, **porque ele passou primeiro na delegacia, não é?** (Amostra Censo, Jos.35)
- b- nível epistêmico
 - (7) O Serafim ele não gosta da merenda **porque ele só leva merenda.** (Amostra Censo, Nel. 49)
- c- nível dos atos de fala
 - (8) Olha, corre, vem pra cá **porque a minha casa foi assaltada.** (Amostra Censo, Dor.29)

No exemplo (6), a oração introduzida pelo conector *porque* expressa a causa efetiva do fato expresso na oração núcleo, ou seja, pode-se falar realmente de relação causa-efeito. A configuração causal no exemplo em questão é reforçada pela relação temporal entre os fatos, com o estado de coisas causa precedendo o estado de coisas efeito.

Nos exemplos (7) e (8), por outro lado, só podemos falar em causa em sentido mais amplo. Em (7), a oração introduzida por *porque* expressa uma evidência que autoriza o falante a extrair, a partir da sua avaliação, uma determinada conclusão. Trata-se no caso de uma causa formal, realizada no plano das relações possíveis e que opera no plano interpessoal da linguagem.

No exemplo (8), estabelece-se uma relação entre um ato de fala e a justificativa para a realização de tal ato.

Nas abordagens tradicionais (cf, por exemplo, CUNHA, 1976) essa polivalência do conector *porque* é resolvida pela sua

inclusão em dois conjuntos paradigmáticos distintos: no conjunto das conjunções subordinativas causais (causais estritas) e no conjunto das conjunções coordenativas (explicativas). Essa solução taxonômica constitui, no entanto, um problema, na medida em que, em muitos enunciados, duas interpretações podem conviver, requerendo a intervenção de fatores discursivos que permitam determinar a natureza exata do uso de *porque*.

A análise de algumas propriedades sintáticas e semânticas das construções causais com o conector *porque* permite mostrar que as mesmas ocorrem em alguns contextos preferenciais.

No que se refere às propriedades morfossintáticas, destaca-se a importância das categorias tempo e modo verbal das orações relacionadas. Nas construções com *porque* pode ser constatada grande diversidade de formas verbais tanto na cláusula núcleo como na cláusula hipotática (Cf. PAIVA, 1992; NEVES, 2000).

Uma análise estatística dos dados mostra, no entanto, que, na grande maioria dessas construções causais verifica-se um tipo de correlação modo-temporal preferencial: em mais da metade dos dados (50,80%) relacionam-se verbos no presente do indicativo tanto na cláusula causal quanto na cláusula efeito, como no exemplo a seguir:

- (9) **Eu não tenho que dizer de nenhum deles ali, sabe? porque a gente se dá com todo mundo, conversa com todo mundo.** A gente precisa muito de vizinho. (Amostra Censo, Fal 04)

Especificidades das construções causais com o conector *porque* podem ser observadas também no nível das propriedades semânticas dos verbos núcleo da cláusula causal. Embora as orações hipotáticas introduzidas pelo conector *porque* admitam grande variabilidade de tipo de predicadores, elas tendem a ser construídas principalmente com os verbos de estado (31,6%), seguindo-se de perto os verbos de processo (25,8%) e de evento (23,3%). O exemplo (10) é representativo do contexto mais frequente da cláusula *porque*.

- (10) Minha mãe também, mas minha mãe agora **está** um pouco devagar, **porque ela esteve doente.** (Amostra Censo, Cab02)

Consideração especial tem de ser dispensada à disposição sintagmática das orações introduzidas pelo conector *porque* que são, como já foi mostrado em diferentes trabalhos, predominantemente pospostas à oração núcleo com que se relacionam. Nos dados analisados, representativos, como já dissemos, do discurso oral, em 88,4% das construções, a cláusula *porque* segue a oração núcleo.

A posposição do segmento causal ao segmento efeito parece constituir, portanto, a ordem não marcada nas construções causais com *porque*. A anteposição, muito mais rara, está associada a contextos bastante marcados, principalmente àqueles

em que ocorre um processo de clivagem, através do qual uma condição, dentre outras possíveis, é destacada como a causa de um estado de coisas.¹

Evidentemente, a posposição desses segmentos causais reflete a função que eles possuem na organização discursiva: via de regra, eles constituem pontos de introdução de informação nova (68,3%) ou inferível de outras peças de informação já apresentadas no discurso anterior (17,5%). Nos dois casos, pode-se considerar que as orações causais introduzidas pelo conector *porque* desempenham um papel essencial na progressão discursiva. Assim, no exemplo (10), já citado, a informação introduzida pela cláusula **porque ela esteve doente** apresenta para o ouvinte (no caso, o entrevistador), uma informação que não integrava seus conhecimentos anteriores.

Da análise desenvolvida até este ponto, ressalta que os enunciados construídos com o conector *porque* apresentam algumas características predominantes que nos auxiliarão a entender o comportamento das cláusulas iniciadas pela locução conjuntiva *por causa (de) que*.

3- Construções causais com o Sprep *por causa de* – a causalidade no nível intra-oracional

Retomemos neste ponto o exemplo (3), ilustrativo do uso do sintagma preposicional *por causa de* para a expressão da relação causa-efeito no nível oracional. Nesse exemplo, o segmento introduzido pelo Sprep *por causa de* é intercambiável com uma oração hipotática com *porque*.

(11a) Tive que interromper um pouco (os estudos) **por causa da gravidez da minha mulher** (Amostra Censo, Dav 42).

(11b) Tive que interromper um pouco (os estudos) **porque minha [mulher estava grávida.]**

A possibilidade de paráfrase do constituinte intra-oracional introduzido por *por causa de* pela cláusula finita encabeçada por *porque* não significa necessariamente que elas sejam tomadas pelo falante como equivalentes em todos os níveis. O certo é que parece haver, em alguns contextos, uma interseção das propriedades dos dois tipos de enunciados, o que autoriza a alternância entre eles (Cf. PAIVA, 1998).

Há evidências, no entanto, de que a alternância entre uma cláusula *porque* e um segmento causal não oracional introduzido pelo Sprep *por causa de* é restrita a certos ambientes, sendo bloqueada em outros, como ilustra o exemplo (12)

(12) Fica com ciúmes *por causa de um velhinho*. (Amostra Censo, Sue05)

¹ Um exemplo ilustrativo é: É porque minha mãe é viúva que ela então se juntou com o meu padrasto.

Os exemplos acima mostram, portanto, que existem tanto pontos de interseção entre uma oração introduzida por *porque* e os constituintes causais intra-oracionais introduzidos por *por causa de* como contextos em que eles se particularizam. Focalizemos inicialmente as propriedades comuns aos constituintes intra-oracionais com o SPrep e as cláusulas com *porque*.

Do ponto de vista do tempo e modo verbais do segmento efeito, algumas simetrias podem ser depreendidas entre os enunciados com *porque* e os enunciados com o Sprep *por causa de*. Assim como nos períodos complexos com o conector *porque*, nos períodos simples com os sintagmas preposicionais causais, o verbo da oração se encontra mais frequentemente no presente (59,1%). Seguem-se, com índices significativos, enunciados com verbo na forma de pretérito perfeito (30%). Essa convergência na distribuição dos dados é indicativa da similaridade de configuração sintagmática dos dois tipos de enunciados causais.

O paralelismo entre construções causais com *porque* e com *por causa de* pode ser constatado também no que se refere à transitividade do verbo nuclear do segmento efeito, embora de forma menos nítida. Nos enunciados com o Sprep *por causa de*, há maior frequência de verbos de estado (30%), mas é igualmente significativa a ocorrência de verbos de processo (25,4%) ou de processo mental (22,7%). Essa propriedade dos sintagmas preposicionais será retomada mais à frente, quando mostraremos que ela pode explicar, pelo menos em parte, a possibilidade de deslizamento desse sintagma para o conjunto das locuções conjuntivas causais. A maior diferença entre os dois tipos de enunciados fica concentrada nos verbos de evento e nos existenciais.

Do ponto de vista da sua organização sintagmática, o segmento causal introduzido por *por causa de* assim como as orações com *porque* podem se antepor ou se pospor ao segmento efeito, como mostram os exemplos (13a) e (13b).

(13a) **Por causa da gravidez dela** eu parei de estudar.
(Amostra Censo, Dav. 42)

(13b) Eu costumo fazer bolo **por causa das crianças lá em casa**.
(Amostra Censo, Mag.48)

Assim como nos períodos complexos com o conector *porque*, essa flexibilidade é, no entanto, mais virtual do que real, pois o segmento causal encabeçado pelo Sprep *por causa de* é quase categoricamente posposto, com um percentual que atinge 93,6%.

A organização sintagmática dos períodos formados com *porque* e das orações com *por causa de* segue a mesma tendência, embora se perceba uma diferença de grau nos índices de posposição: o *sintagma* preposicional *por causa de* parece apresentar uma ordenação mais rígida (acima de 90%) na forma de efeito-causa,

enquanto que os períodos compostos com *porque* apresentam um pouco mais de flexibilidade. Para ambos, pode-se dizer, no entanto, que a ordem não marcada é a posposição.

Essa semelhança de padrão sintagmático encontra correspondência na função discursiva desses segmentos causais: ambos contribuem para a evolução do discurso, constituindo pontos de introdução de informação nova. Essa tendência é significativamente mais acentuada para as cláusulas *porque* (68,3%) e um pouco menos notável para o Sprep *por causa de* (59,2%). Devemos ressaltar, no entanto, que a equivalência discursivo-funcional fica limitada ao segmento causal considerado isoladamente. Na análise dos dois segmentos do enunciado, depreendem-se diferenças relevantes na forma como se distribui a informação pelos segmentos causa e efeito. Os segmentos causais introduzidos pelo conector *porque* com informação nova se articulam mais frequentemente a segmentos efeito que codificam informação velha (65,8%) ou informação inferível (24,2%) que, em uma determinada interpretação, pode ser considerada uma forma de informação velha. Diferentemente, nos enunciados com o sintagma preposicional, não chega a haver diferença no estatuto informacional do segmento efeito que tanto pode codificar informação nova ou velha, embora se verifique ligeira preponderância de ligação com segmento efeito velho. Quanto ao estatuto informacional do segmento efeito, constata-se, portanto, uma distinção relevante entre os dois tipos de enunciado.

Considerando as propriedades discutidas até aqui, podemos dizer que a interseção entre os enunciados com cláusulas *porque* e com o sintagma preposicional causal, embora não seja total, pode ser depreendida em diversos pontos, como mostra a figura 1.

Figura 1 – Interseção entre enunciados com *porque* e com o sintagma preposicional *por causa de*.

| Oração de causa | Constituinte intra-oracional de causa |
|-------------------------------------|---------------------------------------|
| ↘ | ↙ |
| Segmento causal | |
| + posposição | |
| + informação nova | |
| segmento efeito | |
| predicado no presente do indicativo | |
| predicador é verbo de estado | |

Evidentemente, essa convergência de propriedades não explica em si mesma a possibilidade de alternância entre um constituinte causal oracional e um constituinte causal intra-oracional. Como mostramos através do exemplo (12 – Meu namo-

rado fica com ciúme **por causa de um velho**), há restrições na alternância entre os dois tipos de construções. Um primeiro aspecto a ser considerado se refere às características do núcleo do SN2, aquele que é subcategorizado pelo SPrep *por causa de*. O núcleo do SN2 tende a ser constituído por um nome comum com os traços [+ animado] e [+ humano]. Nesse caso, a paráfrase do SPrep causal por uma cláusula *porque* é bloqueada ou, no mínimo, menos provável.

Meu namorado fica com ciúme **por causa de um velho**

Meu namorado fica com ciúme **porque tem um velho**

No exemplo (12), a responsabilidade, a motivação do estado “fica com ciúme” é atribuída a um referente, sem qualquer explicitação da ação por ele realizada. A maioria das características inerentes à noção de causa ficam ofuscadas em enunciados desse tipo: a própria ação, em consequência a referencialidade temporal e, de certa forma, a noção de agentividade. O ciúme do namorado não pode ser atribuído diretamente ao velho. A relação causal só pode ser interpretada através das inferências autorizadas pelo contexto em que a construção se insere.

A alternância entre um SPrep causal e uma cláusula causal com *porque* é favorecida, ao contrário, nos contextos em que o núcleo do SN2 é uma nominalização (um nome deverbal), situação em que se estabelece relação morfológica e, conseqüentemente, semântica entre os elementos nucleares dos constituintes. Nesse caso, a possibilidade de recuperação da forma verbal da cláusula, contida no núcleo do SN integrado ao SPrep, parece favorecer a alternância entre as duas estruturas, como mostra o exemplo 14.

(14) O time tá ruim, mas não é **por causa da escalção do técnico**.

O time tá ruim, mas não é **porque o técnico selecionou (o time)**

A potencial equivalência entre as duas construções, vale dizer, a possibilidade de paráfrase não se restringe, entretanto, à satisfação de uma condição morfológica; mais relevante, sem dúvida, é a natureza do vínculo causal realizado em cada um dos enunciados. Em outras palavras, os efeitos comunicativos decorrentes da seleção de uma ou outra alternativa são diversos. Assim, no exemplo (14), embora a condição morfológica seja satisfeita, o sintagma preposicional *por causa da escalção do técnico* apresenta efeitos comunicativos que se anulam numa possível contraparte verbal (o técnico escalou um time). Na cláusula introduzida por *porque*, a relação causal é vista de forma dinâmica, ou seja, o que está em destaque é o próprio ato de escalar. No enunciado com sintagma preposicional, esse dinamismo se perde em favor da ênfase no resultado da ação (escalção) e dos seus efeitos. Esse resultado pode ser avaliado positiva ou

negativamente e é exatamente essa avaliação que se perde na conversão do sintagma preposicional pela cláusula *porque*. É o que explica uma certa conotação negativa na expressão da causalidade através do sintagma preposicional.

A atribuição de caráter [-dinâmico] ao sintagma preposicional *por causa de* encontra respaldo na possibilidade de conversão desses segmentos em cláusulas *porque* com verbos de estado. Caracterizando-se igualmente pelo traço [-dinâmico], as cláusulas *porque* de estado compartilham propriedades inerentes ao segmento introduzido pelo *Sprep*.

Um segundo aspecto importante envolve o pressuposto temporal implícito na relação de causalidade. A imbricação entre as noções de causa e tempo é anulada nos segmentos causais introduzidos pelo *Sprep*. Como consequência de sua atemporalidade, os enunciados com *Sprep* causal se afastam da noção prototípica de causa, mesmo quando são parafraseáveis por uma cláusula *porque*. A relação causal parece se situar em um plano metafórico, na medida em que se desvincula da ação.

Tudo parece indicar, portanto, que os segmentos introduzidos pelo conector *porque* e os segmentos introduzidos por *por causa (de)* situam a relação causal em planos distintos: o primeiro, no plano da própria ação, e o segundo, no resultado de uma ação ou no possível ator de uma ação que pode provocar um estado de coisas.

4 - Construções causais com *por causa (de)* que

Retomemos agora os exemplos (4) e (5), objeto central deste artigo. Antes de mais nada, é necessário destacar a baixa incidência desse tipo de construção (apenas 26) nos dados de fala examinados. Essa limitação parece decorrer do fato de que se trata de um uso lingüístico mais recente, provavelmente um processo de mudança que está se instalando na língua.

Uma análise de construções causais constituídas com a conjunção lexical *por causa de (que)* permite mostrar que elas se situam numa interseção das propriedades dos enunciados causais com *porque* e dos enunciados com *por causa de*. Um confronto entre os períodos complexos construídos com a locução *por causa (de) que* e os enunciados com *porque*, por um lado, e os enunciados com *por causa de*, por outro, permite identificar a trajetória de inclusão dessa forma no conjunto das locuções conjuntivas de causalidade.

No que se refere à correlação modo-temporal, podem ser apreendidas diversas simetrias entre as construções com *porque* e aquelas com *por causa (de) que*. Mantendo uma configuração semelhante à dos períodos compostos com *porque*, os períodos com *por causa de que* relacionam, mais freqüentemente, verbo no presente do indicativo na cláusula causal e verbo no presente do indicativo na cláusula efeito (53,84%). Segue-se a correlação

entre pretérito perfeito e presente (23,75). No que se refere ao segmento efeito, essa tendência encontra paralelo nos períodos simples com o sintagma preposicional *por causa de*, em que predomina igualmente o presente do indicativo.

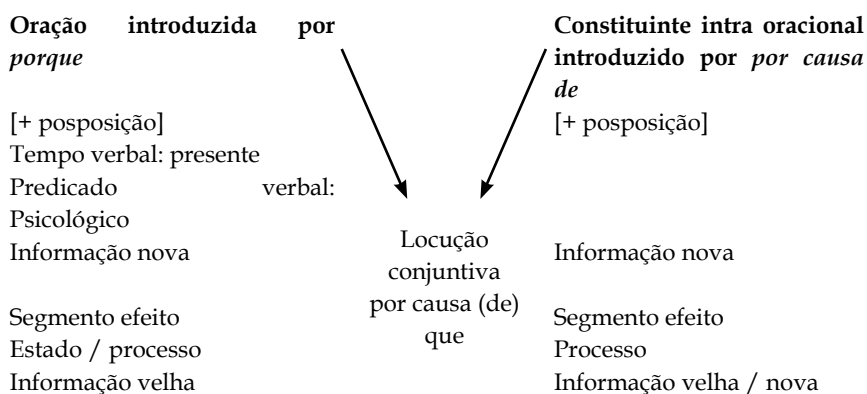
A convergência entre os três tipos de construções causais pode ser verificada também no nível das propriedades semânticas dos verbos núcleo do segmento efeito. Assim, ocorrem mais freqüentemente em todos eles verbos de estado, como ilustram os exemplos a seguir:

- (15) Eu gosto da Rosângela **por causa que ela é assim parecida comigo**. (Amostra Censo, Eri.59).
- (16) O apelido dela é até Cláudia Magrinha, **por causa que ela é assim Magrinha**. (Amostra Censo, Eri.59)

No que concerne à disposição sintagmática, verifica-se a mesma flexibilidade referida previamente. No entanto, embora os segmentos que expressam causa possam tanto se antepor ou pospor à oração efeito, a posposição é a posição mais usual.

Também no que diz respeito às propriedades discursivo-informacionais dos segmentos causais, depreende-se acentuado paralelismo entre as construções com *porque*, *por causa de* e *por causa (de) que*: todos eles constituem pontos de introdução de informação nova. Considerando-se, no entanto, o status informacional do segmento efeito, observa-se que as construções com *por causa de que* se aproximam daquelas com o *Sprep por causa de*. Instaura-se mais freqüentemente uma relação entre dois segmentos com informação nova, diferentemente da configuração observada nos enunciados causais com *porque*.

Do que foi visto até aqui, é possível esquematizar da seguinte forma o paralelismo entre as construções causais com *porque*, com *por causa (de) que* e com o *Sprep por causa de*.



As propriedades consideradas no esquema 2 refletem, portanto, os contextos que permitem o deslocamento do *Sprep por causa (de) que* para o conjunto paradigmático das locuções

conjuntivas causais. Essa hipótese deve levar em consideração, no entanto, o fato de que a relação de causalidade, à semelhança de outras relações semânticas, opera em domínios distintos, como já mostramos no item 2, com base no conector *porque*.

É necessário esclarecer que, a nosso ver, o deslocamento funcional do sintagma preposicional *por causa de* não constitui um movimento isolado; ao contrário, é conseqüência de várias mudanças que se dão no interior do conjunto dos conectores de causalidade no discurso oral.

A possível gramaticalização do sintagma preposicional em locução conjuntiva pode estar relacionada, em primeira instância, à já discutida multifuncionalidade do conector *porque* no discurso. Uma hipótese possível é a de que a movimentação do Sprep *por causa de* do nível intra-oracional para o nível inter-oracional ocorreria principalmente no domínio referencial, enquanto o conector *porque* estaria se especializando na indicação de relações no nível da enunciação (epistêmico e atos de fala). Dessa forma, estaríamos observando um processo de restabelecimento de uma repartição funcional, obscurecida com o desaparecimento do conector, na modalidade oral. Os resultados expostos na tabela 1, que confrontam as três construções no que se refere ao domínio da causalidade, fornecem algumas evidências sugestivas da trajetória de *por causa (de) que*.

Tabela 1- Distribuição das construções causais de acordo com o domínio da relação casual.

| Domínio | Porque | por causa (de) que | por causa de |
|--------------|---------------|--------------------|---------------|
| Epistêmico | 198 24.50% | 0 | 8 7.84% |
| Referencial | 597 73.88% | 26 100% | 102 92.16% |
| Atos de fala | 13 1.61% | 0 | 0 |
| Total | 08 | 26 | 110 |

De acordo com os resultados mostrados na tabela 1, a hipótese levantada se confirma no que se refere ao uso da locução *por causa (de) que*, mas encontra problemas no que diz respeito ao uso do conector *porque*. No caso da locução conjuntiva, poder-se-ia falar em especialização funcional: a locução *por causa (de) que* é utilizada apenas em contextos de relação causal no domínio referencial, ou seja, como expressão de causa estrita. O conector *porque*, embora predomine para a expressão de relações no plano referencial, pode ser utilizado para a explicitação de relações em outros domínios, como já destacamos.

Evidentemente, a particularidade das construções com *por causa (de) que* pode estar refletindo propriedades semânticas inerentes à locução *por causa de*. Uma dessas propriedades é a maior

transparência do item *causa* quanto à explicitação do ponto de origem (causa estrita) de um determinado estado de coisas. Além disso, como já destacamos, essa locução carrega uma acentuada indicação de agentividade (que atribui a algo ou a alguém a razão de ser de um determinado estado de coisas).

Embora essa carga semântica possa se diluir na locução conjuntiva, , autorizando o uso de *por causa (de) que* em construções causais que não implicam ação de um agente na produção de um estado de coisas, ela parece restringir ainda a utilização da locução conjuntiva a contextos de maior referencialidade. Nesse caso, parece ocorrer um processo segundo o qual a locução preserva a carga semântica da própria palavra *causa* em seu sentido mais estrito. No processo de deslocamento, a locução traz para o seu novo uso, as suas propriedades originais, o que faz com que, no seu percurso, se mantenha a ligação entre o o sintagma preposicional e a locução conjuntiva.

5 - Conclusão

Como pudemos constatar ao longo desta análise, o deslocamento do sintagma preposicional *por causa de* para a locução conjuntiva *por causa (de) que* constitui um movimento que parece ter seu ponto de partida em um conjunto de propriedades semânticas compartilhadas pelo conector *porque* e pelo sintagma preposicional *por causa de que*. Ele vai culminar na perda de algumas características prototípicas do sintagma preposicional em favor do desenvolvimento de uma função mais sintática de introdutor de orações hipotáticas.

O movimento da locução preposicional em direção a uma locução conjuntiva não significa, no entanto, total anulação das propriedades da forma fonte. A locução conjuntiva preserva traços da forma da qual se originou como a de ser utilizada preferencialmente para introduzir orações que descrevem um estado de coisas [-dinâmico] e estabelecer relações causais no domínio do conteúdo. Tal situação parece coerente com a proposta de Hengeveld e Wanders (no prelo), segundo a qual as conjunções lexicais complexas, formadas a partir de itens de um conjunto específico de nomes, se gramaticalizam inicialmente no nível representacional da linguagem.

Abstract

*In this article we analyze the emergence of the lexical conjunction **por causa (de) que** (by cause of that) in spoken Brazilian Portuguese, focusing tokens collected from 64 hours of tape-recorded interviews with speakers born in Rio de Janeiro in the early eighties. First we compare clauses headed by **porque** (because) and clauses which present the PP **por causa de** (by cause of) and show that both segments are similar with regard to four variables: position, transitivity and tense of the verbal predicate and informational status. Then we consider the clauses headed by **por causa de que** (by cause of that) and show that they share the same properties with the clauses headed by **porque**: they tend to introduce new information, exhibit state verbs in the present tense and follow the main clause. The difference between them concerns the fact that the latter combines clauses only at the representational level whereas the former combines clauses not only at this level but at the epistemic and speech act levels as well.*

Keywords: grammaticalisation, conjunctions, causal relations

Referências

- CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Alvares, 1976.
- HENGEVELD, Kees; WANDERS, Gerry. Adverbial conjunctions in Functional Discourse Grammar. To appear in: HANNAY, Mike; STEEN, Gerard (eds.) *The English clause: usage and structure*. Amsterdam: John Benjamins. (no prelo)
- NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000
- PAIVA, Maria da Conceição de. Gramaticalização de conectores no português do Brasil. *Scripta*, [S.l.], v. 5, n. 9, p. 35-46, 2001.
- _____. *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.
- _____. Usos de porque no discurso oral. *D.E.L.T.A.*, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 27-40, 1995.
- _____. Variação e especificidades funcionais no domínio da causalidade. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v.7, n. 2, p. 89-108, jul./dez. 1998.

PAIVA, Maria da Conceição de; SWETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.